

O processo do conhecimento contrasta de maneira surpreendente do processo da vivência. A experiência vivencial que tenho ao comer maçã é de uma simplicidade monolítica. O conhecimento que tenho dessa experiência é de uma complexidade e variedade praticamente inesgotável. A simplicidade vivencial é destruída e irreparavelmente destruída pelo processo do conhecimento. A vida é destruída e irreparavelmente destruída pelo pensamento. O pensamento que procura conhecer a vivência funciona como agente analisador que secciona a vivência em múltiplas camadas. A meta do pensamento é alcançar um conhecimento integral, isto é recompor, no final do seu progresso, a vivência viviseccionada. O conhecimento integral seria a ressurreição da vivência, que seria doravante uma vivência acrescida de uma nova dimensão: uma vivência conhecida. Todo o progresso do pensamento tem essa meta. Procura uma vivência mais intensa e mais profunda, e para tanto mata a vivência ingênua. O pensamento, já que mata para ressuscitar, é absurdo. O homem, como ser pensante, é um ser absurdo. Mas trata-se de uma absurdidade metódica. O homem como ser pensante é absurdo porque mata a sua vivência ingênua em sua busca metódica da omni ciência, a qual lhe proporcionaria, se alcançada, uma vida mais plena. A absurdidade do homem reside na sua tentativa metódica de superar-se a si mesmo. O pensamento é o método pelo qual o homem, qual Muenchhausen, quer elevar-se sobre si mesmo puxando-se pelos cabelos. Schopenhauer e os filósofos "da vida" chamam à nossa atenção para a ação destruidora do pensamento. Os filósofos existenciais salientam a absurdidade da situação humana. Ambos menosprezam a nobreza desesperada que o pensamento e a situação humana dela decorrente representam. Consideremos, embora de maneira superficial, a ação destruidora do pensamento, a absurdidade da situação humana dela decorrente, e a nobreza dessa situação, tomando como exemplo a vivência: "como uma maçã". O progresso do pensamento com sua análise implacável da vivência destrinchou ela em diversas camadas de conhecimento. Consideremos as mais características. Na camada da física clássica a vivência pode ser compreendida como um processo mecânico. "Comer maçã" significa levar uma maçã à boca, triturá-la com os dentes, transportar os detritos pela ação peristáltica do esôfago até o estômago, destruir a sua organização molecular no estômago e nos intestinos, transportar pela pressão osmótica certos detritos das moléculas até as células do corpo, e expelir outros detritos pela ação peristáltica dos intestinos e do anus. Este processo é acompanhado de complexos acontecimentos mecânicos do ambiente. Involve uma tremenda massa de movimentos, todos eles influenciados pelo campo gravitacional da terra, e sua compreensão total, isto é sua transformação em equações matemáticas, é praticamente impossível, dada a sua complexidade. A compreensão da vivência "comer maçã" na camada de conhecimento "física clássica" ultrapassa a capacidade do pensamento.

Na camada da química clássica "comer maçã" pode ser compreendido como um processo de análise e síntese de compostos orgânicos. Os ácidos, os açúcares, os ésteres, os óleos aromáticos etc, contidos na maçã são atacados pelas pepsinas, ptialinas, as bases e os ácidos do corpo, são decompostos, as suas estruturas moleculares são rompidas, e são formados novos compostos assimilados ao corpo. Neste jogo químico entram catalisadores e enzimas de tremenda complexidade. Como

um, todo o processo é extrotermico, embora apresente qualidades termicas complexas em suas fases individuais. É acompanhado de processos eletromagneticos e cristalograficos de análise difficil. A repetição do processo no laboratório é impossivel, dada a sua complexidade, e dadas as fases ainda insuficientemente compreendidas pela química. A própria composição e estrutura de muitos dos compostos envolvidos no processo é desconhecida. A compreensão da vivência "comer maçã" na camada de conhecimento "química clássica" ultrapassa a capacidade do pensamento.

A química moderna e a física nuclear representam um desdobrar do processo a ponto de formarem novas camadas de conhecimento. "Comer maçã" pode ser compreendido como interação de diversos campos eletromagnéticos e gravitacionais que traz consigo movimentos e cargas eletrônicas, ionizações, e, sendo um processo termodinâmico, é grave problema da entropia. Nesta camada a própria "realidade" do processo torna-se problemática, já que os conceitos materiais de "maçã" e "corpo", e o conceito operacional de "comer" tornam-se fluidos. O processo todo adquire um caráter quilibristico, apontando para o fim do mundo, já que envolve o princípio da entropia, isto é de oportunidade definitivamente perdida. Nesta camada o pensamento se aproxima perigosamente daquilo que é chamado "ontologia" na filosofia. As tentativas de traduzir o processo para equações da matemática avançada são grandemente prejudicadas pela complexidade do processo e pela insuficiencia dos conhecimentos. A compreensão da vivência "comer maçã" ultrapassa de longe a capacidade do pensamento, se consideradas a partir da camada de conhecimento "física moderna".

Estas são entretanto as camadas relativamente mais simples e mais bem pesquisadas. Nas camadas da fisiologia, da psicologia behaviorista, Gestalt, e de profundidade, da economia, etc. o processo adquire uma complexidade inteiramente insuperável. A maçã adquire ora o caráter de "alimento", ora de "Sensação", ora de "desafio", ora de "objeto carregado de libido", ora de "símbolo arquetípico", ora de "produto de trabalho". "Comer" adquire ora o caráter de "atividade neuro-somática", ora de "ter sensações externas e internas", ora de "escolha", ora de "compensação de complexos reprimidos", ora de "realização do ego", ora de "consumo de capital". A complexidade que surge em todas estas camadas de conhecimento desafia qualquer tentativa de explicação. O pensamento humano tateia em todas estas camadas e não passa de hipóteses mal formuladas.

A própria existência destas camadas múltiplas representa um problema formidável. Não basta dizer que as camadas se cruzam e se sobrepõem uma à outra. Não basta dizer que a camada da física por exemplo invade a camada da química, e a camada da psicologia invade a camada da economia. É preciso confessar que, embora as camadas se cruzem, elas não se toleram mutuamente. A camada da física, por exemplo, não tolera a camada da economia. A física tende a "explicar" totalmente a vivência "comer maçã" e não deixa espaço para uma "explicação" economica da vivência. Com efeito, a física diz respeito a uma "realidade" totalmente incongruente com a "realidade" à qual diz respeito a economia. As camadas de conhecimento criam outras tantas "realidades" completas e tudo-abrangentes. Cancelam-se mutuamente. Felizmente, o pensamento humano é incapaz não sómente a compreender a vivência em cada camada individual, mas mais ainda de abranger em seu seio mais de uma camada por vez. Se o pudesse, teria há tempos perdido qualquer senso de realidade e estaria vagando num caos de realidades disparatas.

As camadas até agora consideradas são todas do mesmo tipo de conhecimento. Este tipo é chamado, de maneira muito imprecisa, de "conhecimento científico". É um conhecimento "objetivo", isto é um conhecimento comunicável e experimentalmente repetível por qualquer sujeito. Entretanto, estas camadas nem de longe esgotam a profundidade da vivência em sua simplicidade monolítica. Muito pelo contrário, parecem não afeta-la. A vivência que tenho ao comer maçã nada parece ter em comum com este tipo de "realidade" que as camadas de conhecimento "objetivo" revelam. Há, entretanto, um outro tipo de conhecimento que podemos chamar de "subjetivo". É um conhecimento que pertence ao sujeito submetido à vivência. É dificilmente comunicável, embora essa comunicação tenha sido ensaiada sempre de novo. O pensamento, ao ter e formular este tipo de conhecimento, procede a uma viviseção da vivência em tudo idêntica com a viviseção empreendida pelo conhecimento "objetivo". Surgem tantas camadas de conhecimento "subjetivo", quantas há de conhecimento "objetivo". São camadas que dizem respeito aos aspectos estéticos, éticos e religiosos da vivência. São comunicadas obliquamente pelos poetas, os espíritos religiosos e os místicos. "Comer maçã" pode significar toda uma gama de conhecimentos estéticos, os quais, por sua vez, podem dar origem a toda uma gama de estilos de arte. "Comer maçã" pode ter um aspecto ético a dar origem a toda uma teologia, como no caso da maçã comida por Agostinho. Finalmente, "comer maçã" pode proporcionar ao sujeito uma visão imediata, um conhecimento profundo de toda a realidade. Ao comer uma maçã o sujeito pode identificar-se e fundir-se com o tudo, pode conhecer a "unio mystica". Não sendo legitimamente comunicáveis estas camadas de conhecimento, nutre o pensamento "objetivo" uma certa desconfiança quanto a elas. Esta desconfiança não se justifica. Aparentemente elas dizem respeito à vivência mais imediatamente que as camadas "objetivas" do conhecimento, embora tão pouco esgotem a vivência. Pelo contrário, o que se justifica é uma desconfiança quanto ao valor ontológico dos conhecimentos "objetivos". Nós ocidentais não inclinamos para este tipo de desconfiança, já que somos deslumbrados pelos êxitos pragmáticos do conhecimento "científico" dos últimos quinhentos anos. Uma retomada de contacto com a vivência faz ressurgir esse tipo de desconfiança.

O papel da filosofia é, entre outros, a tentativa de englobar todas estas camadas de conhecimento "subjetivo" e "objetivo", e, desta forma, ressuscitar a vivência dissecada num nível mais elevado. Em outras palavras é o papel da filosofia a focalização e completação do processo chamado "pensamento". Esta tarefa ultrapassa entretanto a capacidade do pensamento. As camadas não se deixam focalizar no mesmo foco, porque são mutuamente contraditórias. A filosofia não consegue ressuscitar a vivência. Muito pelo contrário, completa aquele crime de assassinato da vivência que o pensamento especializado tinha iniciado. Os restos vivenciais da vivência que o pensamento especializado porventura não atacou, (justamente por ser especializado), são liquidados pelo pensamento universal da filosofia. O pensamento filosófico move-se num mundo de vivências mortas. As suas doutrinas são outros tantos "post-mortems". Na filosofia torna-se palpável a absurdidade do pensamento. Posso filosofar infinitamente a respeito do "comer maçã", mas quanto mais especulo, tanto mais irreal torna-se este "comer maçã". Com efeito, se o conhecimento especializado, por exemplo o físico, torna difícil o próprio ato de

comer maçã, dada a sua tremenda complexidade, para o pensamento universal filosófico este ato torna-se de tudo impossível. Se o pensador filosófico for a agir de acordo com o seu pensamento, morreria de fome. Felizmente é o pensamento um apêndice relativamente novo e inócuo da evolução vital, e o homem como ser pensante é uma ficção. O pensamento acompanha a vivência como uma sombra, e sua tentativa de destruí-la é frustrada pela sua relativa fraqueza e pela relativa força da vivência. O pensamento é portanto absurdo em mais de um aspecto. É absurdo porque, pretendendo intensificar a vivência, a mata na medida em que consegue funcionar. É absurdo porque é condenado ao malogro pelo seu próprio método. E é absurdo porque é incapaz de alcançar a sua meta absurda.

Entretanto não deixa de ser verdade que toda vivência é acompanhada de pensamento, sob pena de não ser uma vivência autêntica. Vivências desacompanhadas de pensamento não constituem aquele material (stuff) que chamamos de "realidade". No melhor dos casos constituem o umbral pelo qual a "realidade" aparece para dar-se. É portanto importante compreender de que forma o pensamento acompanha a vivência, já que é graças a este pensamento que a vivência adquire a dignidade ontológica de "realidade". É importante compreender que forma tem o pensamento que acompanha a vivência "comer maçã", já que é graças a este pensamento que "comer maçã" participa da nossa realidade. O pensamento que acompanha essa vivência é uma frase, neste caso específico a frase portuguesa: "Eu como maçã". A estrutura do pensamento é portanto imposta pela estrutura da língua na qual o pensamento é formulado. Isto é verdade, seja o pensamento formulado ou não. O pensamento é sempre linguístico, mesmo quando não formulado e articulado. Esta circunstância é de uma importância fundamental para a compreensão do surgir e funcionar das diversas camadas de conhecimento. O que o pensamento faz ao analisar e desdobrar a vivência, não passa, com efeito, da análise e do desdobramento de sua própria estrutura. Embora o pensamento se dê ares de analisar a própria vivência, analisa com efeito a si mesmo. O que parece ser uma análise do mundo vivencial, é com efeito uma análise de frases. O processo do pensamento é chamado com razão de "reflexão" ou "especulação", porque não passa de um refletir ou espelhar do pensamento por si mesmo. O pensamento é prisioneiro de si mesmo e não pode sair da sua prisão que é a língua dentro da qual está sendo formulado. A absurdidade do pensamento reside justamente em sua tentativa frustrada ab início de saltar para fóra de sua prisão e alcançar a vivência. A vivência é totalmente inalcançável pelo pensamento. Um abismo primordial separa a vivência do pensamento. Sensus strácto devemos dizer que embora experimentemos vivências, nada sabemos" delas. O paralelismo entre pensamento e vivência é um princípio que aceitamos com fé, mas um princípio que não podemos intelectualmente fundamentar. O idealismo absoluto, que abre mão da vivência e restringe a "realidade" ao campo do pensamento, representa a perda dessa fé no paralelismo entre pensamento e vivência. O idealismo absoluto é intelectualmente inatacável. É, entretanto, insustentável praticamente, porque, como foi demonstrado, o pensamento torna impraticável qualquer ação. Devemos portanto aceitar humildemente o fato que a vivência é acompanhada de pensamento, que um abismo intransponível separa pensamento e vivência, e que, em consequência, nada podemos afirmar quanto à vivência em si (a "coisa em si" kantiana).

Tudo o que sabemos da vivência "comer maçã" nas diferentes camadas de conhecimento refere se, portanto, não à vivência em si, mas ao pensamento que a acompanha, a

saber à frase "eu como maçã". Todo conhecimento "objetivo" e "científico", e todo conhecimento "subjetivo" que temos dessa vivência, não é propriamente um conhecimento dela, mas da sua frase acompanhante. O progresso do pensamento, inclusive o progresso científico, não passa de um progresso linguístico, de um aprofundar, analisar, destrinchar e estender da estrutura da língua. Nada tem a ver com a vivência em si, nada tem a ver com a "realidade extra-intelectual". O progresso do pensamento se processa num terreno completamente alheio a esta realidade. É claro que os pensadores relutam em admitir esta absurdidade fundamental do pensamento. É claro que se esforçam de todas as maneiras de estabelecer pontes entre pensamento e realidade extra-intelectual, por frágeis que sejam essas pontes. Uma dessas pontes é a hipótese de que a estrutura da língua espelha a estrutura da realidade extralinguística. A frase "Eu como maçã" espelha, nesta hipótese, uma situação extralinguística de modo que a cada elemento da frase corresponda um elemento da situação extralinguística. Teríamos, de acordo com essa hipótese, um algo extralinguístico que corresponde ao "Eu", um outro algo que corresponde ao "como", e um terceiro algo que corresponde ao "maçã", e estes três alcos estão relacionados entre si de modo correspondente à relação existente entre as três palavras na nossa frase. Entretanto, por atrativa que seja, é esta hipótese, (que não passa de um platonismo às avessas), inteiramente insustentável. Para demonstrar a fragilidade dessa hipótese, não precisamos recorrer a especulações ontológicas profundas que demonstrem a artificialidade e improbabilidade desta concepção. Basta traduzir a frase para uma língua de estrutura diferente, por exemplo para uma língua aglutinativa. Nessa nova frase desaparecem os elementos verbais "eu", "como" e "maçã", entretanto a nova frase é um equivalente da frase portuguesa. Diz respeito à mesma realidade extralinguística". É portanto da mesma validade ontológica, quanto o é a frase portuguesa. Se fôrmos a sustentar a nossa hipótese de uma correspondência entre estrutura de "realidade" e "pensamento", devemos aceitar a absurdidade de que cada língua individual corresponde a uma realidade extra-linguística diferente. Se quisermos evitar essa absurdidade, devemos abandonar a hipótese in toto.

Podemos portanto repetir que o conhecimento que temos de uma vivência, por exemplo da vivência "comer maçã", é um conhecimento do pensamento que a acompanha, neste caso da frase "eu como maçã". Se mantermos isto bem em mente, (uma tarefa um tanto difícil, já que tendemos a identificar "pensamento" com "vivência"), as diferentes camadas de conhecimento tornam-se plausíveis. São resultado de análises da estrutura de línguas como a portuguesa, isto é de línguas flexionais. Neste tipo de línguas as frases são formadas com palavras de funções específicas. No exemplo sob análise cabe às três palavras que constituem a frase "eu como maçã" a função de sujeito, predicado e objeto direto. A vivência em sua simplicidade monolítica nada tem a ver com esta estrutura de sujeito, objeto e predicado. Essa estrutura é consequência da língua na qual o pensamento está sendo formulado. A vivência "comer maçã" não pode ser analisada em sujeito, objeto e predicado. Na vivência não há um algo que come, nem um algo que está sendo comido, nem uma relação entre os dois alcos que consista no comer. Há uma vivência monoliticamente simples, sobre a qual nada pode ser dito, já que se dá fora do território da língua. Essa vivência deve ser vivida sem comentário do pensamento, se é que deve ser vivida. Todo o nosso conhecimento se refere, entretanto, ao pensamento que

acompanha a vivência, e é um desdobramento do sujeito, objeto e predicado do qual o pensamento se compõe. As diferentes camadas de conhecimento correspondem a diferentes análises das palavras que constituem o pensamento, das suas funções dentro do pensamento, e da relação entre essas palavras dentro do pensamento. As camadas que pertencem ao conhecimento "objetivo" ou "científico" consideram o pensamento como objeto de sua consideração. As camadas que pertencem ao conhecimento "subjetivo" consideram o pensamento como sendo idêntico com a consideração. Exemplifiquemos: No conhecimento "objetivo" o pensamento funciona de seguinte maneira: "Analisemos o pensamento "eu como maçã". Distinguimos três partes neste pensamento. Analisemos a primeira parte "eu". Trata-se de um substantivo que é membro de uma classe de substantivos chamados "corpôs". Analisemos essa classe de substantivos, etc. etc." Desta maneira surge por exemplo a camada de conhecimento que chamamos de "física clássica". No conhecimento "subjetivo" o pensamento funciona da seguinte maneira: "Eu penso o pensamento "eu como maçã". Sou, neste instante, idêntico com o pensamento "eu como maçã". O pensamento que sou neste instante é fugaz. Traz outros pensamentos que serei. Evoca outros pensamentos devido a sua estrutura. A palavra "maçã" evoca outras palavras, por exemplo "natureza". A palavra "natureza" evoca outras palavras, etc. etc. Desta maneira surge por exemplo a camada de conhecimento que chamamos de "estética".

Sob este prisma torna-se evidente porque "prima facie" o conhecimento "subjetivo" parecia mais próximo da vivência que o conhecimento "objetivo". O conhecimento "objetivo" está a uma distância de um passo do pensamento que acompanha a vivência, enquanto que o conhecimento "subjetivo" está dentro do pensamento que acompanha a vivência. O conhecimento "subjetivo" pensa o pensamento que acompanha a vivência, enquanto que o conhecimento "objetivo" pensa sobre o pensamento que acompanha a vivência. Ambos tipos de conhecimento estão afastados da vivência em si por um abismo insuperável. Ambos encaram a vivência de fora. Ambos querem pegar na vivência para manipula-la. Querem "compreender" a vivência (de "prachender" = pegar em). Para ambos a vivência é o objeto de sua intenção. Ambos são portanto sujeitos do objeto que é a vivência. Ambos tipos de pensamento, tanto o "subjetivo" como o "objetivo", são portanto subjetivos. O pensamento de qualquer tipo é, por seu próprio caráter, um processo de subjetivização. O pensamento pensa "algo", portanto "algo" que lhe é diferente. O pensamento pensa "o outro". O pensamento se distancia do pensado. O pensamento é um processo de alienação. Na alienação reside a força matadora do pensamento. A vivência transformada em "o outro" é morta pelo pensamento. Para o pensamento, seja ele do tipo "subjetivo" ou "objetivo" a vida é sempre o objeto, a vida é sempre "o outro". O pensamento é sempre inimigo da vida. Como seres pensantes somos condenado à subjetividade. Como seres pensantes somos inimigos de nós mesmos como seres vivos. Nisto reside a absurdidade da situação humana. Temos "corda inversa in se ipsa" (corações virados contra si mesmos).

Entretanto, a subjetividade à qual o pensamento nos condena é mitigada pelo fato de ser o pensamento um processo linguístico. Em face da vida somos alienados, somos sujeitos cujo objeto é a vida. Mas em face da língua somos integrados. Como seres pensantes estamos em situação de subjetividade em face da vida. Mas como seres pensantes estamos integrados dentro do tecido da língua. Carece de significado perguntar se somos objetos ou sujeitos da língua. Somos, como seres pensantes,

a própria língua. É devido a isto que os nossos pensamentos são comunicáveis. Como seres pensantes somos integrados na conversação. Neste sentido nada há de subjetivo no pensamento, e o solipsismo é uma posição absurda. "O único e sua propriedade" é uma ficção. Não há um único como ser pensante. O ser pensante é parte integral do tecido da língua.

A língua como a totalidade dos pensamentos pensado e a serem pensados é uma realidade em expansão. É por isto que pensar é uma atividade criadora. Pensando, isto é formulando frases novas, e cunhando palavras novas, estamos aumentando o território da realidade, da única realidade que nos é dada como seres pensantes. Estamos aumentando o território da língua. Este aspecto criador, este aspecto de aventura e de euforia que é próprio do pensamento, está sendo relegado ao esquecimento pelos "filósofos da vida". Impressionados como são pela absurdidade e perniciosa do pensamento em face da vida, esquecem a grandiosidade do pensamento tomado como realidade em seu próprio direito. Procurando o "significado" extralinguístico da língua, e verificando acertadamente que este "significado" é o nada, (isto é a "vida" vista pelo pensamento), tendem esses pensadores a abandonar o pensamento num suicídio para dentro do mutismo (Wittgenstein) ou para dentro da vivência bruta e imediata (os existencialistas). Não percebem a força criadora da língua, não percebem que a língua basta a si mesma sem qualquer referência a um "significado". Não percebem que pensar é uma forma de ser pelo menos tão gloriosa quanto o é viver.

O progresso do pensamento empobrece a vivência. Disto não há como duvidar. Embora o pensamento não consiga matar de tudo a vivência, dada a força primordial da vida, enfraquece essa força. Comparando a nossa vida com a vida dos animais ou dos primitivos, (se é que o conceito "primitivo" é legítimo), a nossa vida é mais pobre e está se tornando sempre mais pobre. Temos menos pavor e menos alegria vital imediata. "Comer maçã" não absorve todo o nosso ser, como absorve o ser do verme. Quando o verme come maçã, ele é integralmente o "comer da maçã", enquanto que nós, como seres pensantes, estamos em parte distanciados desse comer. A força vital do verme é nos definitivamente vedada. Entretanto não somos mais pobres em aventura ou em "integração". É nos dada a ironia do pensamento. Somos seres irônicos, porque dotados de língua. É na língua, é no pensamento que nós nos realizamos, e o fazemos sempre mais perfeitamente, embora empobrecemos simultaneamente a aventura que a vida nos oferece.

Como comer maçã? Bergson e os existencialistas recomendam um sujeitar-se humilde a essa vivência, um abandonar humilde do pensamento. Recomendam oferecer o pensamento em holocausto no altar da vivência. Além de ser uma recomendação impraticável, é ela também indesejável. Comamos maçã pensando, isto é procurando compreender o que estamos fazendo ao comer maçã. Embora essa nossa tentativa empobreça a vivência "comer maçã", e embora a nossa tentativa esteja condenada ao malogro, já que nunca compreenderemos o que estamos fazendo ao comer maçã, ela nos proporciona as delícias da aventura do pensamento, que é uma realidade em seu próprio direito. Sejamos seres pensantes absurdos, não meros comedores de maçã integrados. A soberba do pensador e a humildade do comedor de maçã são aparentes. O comedor de maçã despreza o pensamento, é portanto na realidade um soberbo. O pensador, se for honesto, reconhece a absurdidade do seu pensar, mas pensa "quando". Talvez seja isto uma forma autêntica de humildade?